

**JAMES  
HOLDEN  
&  
THE  
ANIMAL  
SPIRITS**

---

**THE  
ANIMAL  
SPIRITS**

---

7 NOV 2018

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

# TEOLOGIA TRANSE

Quanto vale a coerência de um artista? Aliás, o que é – ou poderá ser – a coerência no percurso de um criador? A sua ética? A sua inquietação? A sua entrega? E essa entrega, ética e inquieta, poderá ser reconhecível ao longo de diferentes épocas e contextos? Existirá alguma espécie de imperativo categórico criativo capaz de guiar e unificar quase duas décadas de actividade musical em contínua mutação evolutiva? Podem vários anos de discos, remisturas, dj sets e, por fim, concertos, conter múltiplas metodologias e, ao mesmo, reflectir uma demanda comum? E essa procura, que é sempre a mesma mas cada vez mais exigente, pode fundar e sustentar uma maturidade crescente e totalmente singular? São perguntas a mais para começar mas, de certa forma, todas vão ter à mesma ideia. E – no caso do artista chamado James Holden – trata-se de uma ideia central, mesmo se difícil de explicar, ainda que seja essa a tentativa dos parágrafos seguintes.

Pouco interessa se, para alguns, “tocar” ainda é verbo difícil de conjugar com o sujeito “dj”. No caso de James Holden, tudo começa aí: na sua essência musical, seja numa faixa original, numa remistura, num dj set ou num mix CD. James Holden é um músico, um compositor, um pensador da música. Foi-o sempre, mesmo quando ainda não sabia que o era. É-o antes e depois de ser um matemático, desenhador de software ou inventor de hardware. É-o independentemente do seu treino clássico (piano e violino) ou do seu virtuosismo técnico. É-o pelas ideias que explora e que o fazem fazer música. É-o pelos processos que pesquisa, cria e escolhe na feitura da “sua” música. É isso que liga tudo, das festas adolescentes na floresta até à digressão onde se insere o concerto que, esta noite, nos é dado a ver no palco da Culturgest.

Os resumos biográficos obrigam a fazer *rewind* até 1999 e deixam claro um pressuposto que não é indiferente a este momento: como Holden, muitos dos que hoje aqui estão vêm da pista. Sim, da pista de dança. Esse sítio escuro com luzes ritmadas e corpos em movimento, onde um maestro-às-vezes-compositor, sem orquestra nem pauta, pode edificar sinfonias sensoriais de uma noite só. Foi aí que demos por ele. Foi a partir da “cabine de dj” – púlpito solitário ao qual, nos últimos anos, não voltou – que ele nos começou a trocar as voltas, mostrando que o desconhecido, mesmo quando



assustador, mesmo quando desconfortável, pode ser tão mais, tão muito mais do que tudo aquilo que achávamos possível lá encontrar. Lá, na pista. Tal como aqui, no palco.

Mas o que fez James Holden aí, na pista e no estúdio, e como é que isso o trouxe até aqui ao lugar onde está ele agora, em novembro de 2018, imerso num ensemble não tanto para o liderar quanto para o fazer dialogar? É difícil de explicar porque é, fundamentalmente, uma coisa sensorial. Religiosamente pagã e, talvez, espiritualmente animal.

Felizmente, o *hit* precoce que o tirou do anonimato não o transformou num pré-Avicii. Foram os outros, nunca ele, quem pensou que a missão de Holden era fabricar hinos progressive. Assim que se libertou da editora-vampiro, James preferiu seguir o seu caminho e, à medida que o foi percorrendo, acabou por mudar as regras do que pode ser um dj set, uma remistura, ou a música para uma pista que dança. Do que pode ser tocado, como pode ser tocado, sequenciado, misturado, loopado, manipulado, transformado e edificado em algo novo, único, singular e absolutamente autoral. Algo profundamente pessoal mas, ao mesmo tempo, universal e intemporal. Algo que, acima de tudo, reafirma o poder transportador e hipnotizante da música. Provavelmente, é por isso que, mais do que fãs, Holden foi conquistando verdadeiros devotos que reconheciam nele qualquer coisa – talvez um grau de risco e de desafio aos bailarinos – virtualmente impossível de encontrar, daquela forma em qualquer outro dj do seu tempo.

Falta lembrar que, paralelamente à pregação sónica à pista, James Holden funda e lidera uma editora-farol – a Border Community – e continua a experimentar até onde pode ir mexendo e remisturando a música de outros. Os outros podiam ser cúmplices da Border (Nathan Fake, Avus, Dextro), ou os New Order, Radiohead, Depeche Mode,

a Britney Spears ou a Madonna, mas havia sempre uma assinatura dele, uma atenção total ao detalhe aliada à capacidade de estilizar o ponto de partida e propor – lá está, mais uma vez – caminhos desconhecidos.

Em 2006, *The Idiots Are Winning* será um quase manifesto feito disco. Contra a previsibilidade e a falta de risco de muita da música feita com máquinas. De quem a cria e de quem a ouve. A partir desse momento, Holden opta por ser ainda mais exigente: consigo primeiro e, inevitavelmente, connosco. E será na (mais de) meia dúzia de anos que demora a fazer o seu segundo disco – *The Inheritors* – que vai percebendo que já não basta só ele, a matemática e as máquinas. Começa aí a viragem que o irá trazer da solidão da cabine para uma comunidade de criação que só cabe num palco. Mais ainda: para uma criação musical que só pode acontecer ali, num diálogo de músicos entregues à conversa dos seus instrumentos. Algo indizível, porque semi-telepático, que tem que ver com a ligação mágica gerada entre pessoas a tocar juntas.

Em bom rigor, o culpado ontológico terá sido o seu amigo Dan Snaith, o primeiro a convencê-lo a migrar o arsenal de sintetizadores modulares para um palco, de modo a integrar, em 2011, o Caribou Vibration Ensemble em três noites especiais. Mas será Thom Yorke quem, dois anos mais tarde, acaba por convencê-lo a levar para palco *The Inheritors* (como suporte da digressão norte-americana dos Atoms for Peace). Tom Page, na bateria, foi o primeiro e essencial parceiro. Tudo começou na interação entre os dois mesmo quando, por vezes, o saxofonista Étienne Jaumet ampliava para trio o duo Holden/Page. Entretanto foram ganhando a confiança performativa que só muitos concertos, palcos e quilómetros podem dar (perguntem a quem os viu em Lisboa a 18 de abril de 2015). A partir daqui nada foi como antes. Mesmo que tudo continuasse a ser feito pela mesma razão, com o mesmo fim e com a mesma convicção com que se havia feito até aqui.

E agora, quem é este é Holden? Quem são os Animal Spirits? Para o que é que fomos convocados, aqui e agora? Talvez seja melhor deixar a resposta a cada um, aproveitando a atenção de quem leu até aqui apenas para um rápido resumo dos capítulos mais recentes. Em 2014, Holden tem a oportunidade de tocar e gravar, em Marrocos, com Maalem Mahmoud Guinia, lenda da música Gwana, que viria a morrer pouco depois. A importância de, com uma orquestra de guembri e kakebs, sentir esse “momento mágico” de uma entrega coletiva, ganha então uma dimensão ainda mais vital. Tal como a noção de indução de transe (importante não confundir com trance) pela repetição, algo que explora em 2015 ao participar nos concertos de

homenagem *Hello, Terry Riley*. Do trabalho aí desenvolvido sairá, no ano seguinte, *Outdoor Museum of Fractals*, uma peça de 47 minutos de diálogo shamânico entre as tablas de Camilo Tirado e os arpejos analógicos de Holden. Nesse mesmo ano recebe no seu estúdio – entretanto ampliado para cumprir a sua vocação de “comunidade fronteiriça” – o ensemble Gwana, agora liderado pelo filho de Mahmoud. Tudo estava a postos para o capítulo que nos traz até ao presente: a gravação, durante uma semana, do disco a que chamou *James Holden & The Animal Spirits*, lançado há exatamente um ano. Gravou-o como nunca tinha feito antes: em takes únicos, sem overdubs, com toda a gente a tocar ao mesmo tempo com uma liberdade jazzística que passou a fazer parte da sua música. Tal como aqui vai acontecer: com a bateria de Tom Page a interferir nas estruturas emanadas pela maquinaria de James Holden de modo a que, juntos, convidem a percussão de Camilo Tirado e os sopros de Étienne Jaumet e Liza Bec – todos iluminados em palco pelo vídeo de Dan Tombs – para continuarem, a cada tema, essa conversa musical começada em disco mas que é ampliada e transformada cada noite em palco.

Mesmo tendo muitas saudades de o ouvir numa pista, é inevitável não aceitar e perceber que o lugar dele é aqui, a cumprir a sua música com estas pessoas, neste momento. Talvez hoje, para uma parte de nós, bater o pé ou abanar a cabeça não chegue. Talvez dê vontade de dançar ou de deitar no chão de olhos fechados. Quem sabe? Qual é o valor do desconhecido? A virtude da surpresa? A vantagem do inesperado? Qual é o risco do imprevisto? Com James Holden, quando chegamos à zona de conforto, ele já de lá fugiu. Para onde irá? E nós? Até onde estamos dispostos a ir com ele?

Pedro Fradique (Lux Frágil)



James Holden burst suddenly and dramatically onto the dance music scene in 2000, but, in the current decade, he distanced himself from many of the galaxies of this musical universe, systematically renouncing, over the years, some of its codes and behaviours, while also, to the amazement of many, abandoning his art of DJing. Until we arrived at *The Inheritors*, a fabulous work from 2013, in which we finally understood in which direction Holden's music was heading: crepuscular techno, electronics in a psychedelic spiral and an implicit notion of jazz that emerged from the complex structures of his modular synthesizers. *The Animal Spirits* is, finally, the full realisation of that greater desire. In this album, electronics is an imposing springboard to something bigger that lives and vibrates in his music, where jazz, folk and African rituals coexist in a collective euphoria that also takes over the body. Because it's still dance music. There are still machines at work. But now these machines are invaded by nature, by animal spirituality, as if they were dreaming like us.

#### SINTETIZADORES MODULARES

James Holden

BATERIA

Tom Page

PERCUSSÃO

Camilo Tirado

SAXOFONE

Étienne Jaumet

SAXOFONE, CLARINETE, FLAUTA DE BISEL

Liza Bec

VÍDEO EM TEMPO REAL

Dan Tombs

TÉCNICO DE SOM

Pete Flinton

APOIO

 ANTENA 3



Brevemente

15 NOV  
QUI 21:00  
Grande Auditório  
M/6

Música x

# MIDORI TAKADA

28 NOV  
QUA 21:00  
Grande Auditório  
M/6

Música x

# PETER EVANS & ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS

## PERCEPTION BEYOND KNOWING

Culturgest